

NÓS-UP, luzes e sombras de umha singular experiência da que aprendermos

CARLOS MORAIS :: 12/07/2015

NÓS-UP, luces y sombras de una singular experiencia de la que aprendemos

A fulminante e imprevista dissolução de NÓS-UP nom foi umha decisom adotada por consenso, fruto de um dilatado e sossegado processo de reflexom horizontal entre a militância.

A deliberada e irresponsável implosom provocada na organizaçom fundada em junho de 2001 foi precipitada, e nom responde a razons políticas e organizativas que assim o justificassem. Porém, agora nom vou aprofundar nisto e sim em realizar umha avaliaçom de urgência, quebrando o prudencial silêncio que até o momento mantivem.

Os seus quase três lustros de intervençom estám carregados de luzes e sombras. Nom sou alheio aos seus sucessos e muito menos aos seus fracassos e incapacidades na vertebraçom do novo independentismo superador do localismo e marginalidade no que estava instalado.

Os êxitos tenhem múltiplas paternidades e os fracassos som orfos. Assumo as minhas indiscutíveis responsabilidades como parte da sua direçom, salvo as da sua liquidaçom. Com orgulho e a consciência tranquila nom renego da sua impronta e do legado que a dia de hoje tingiu umha parte considerável do tecido patriótico galego.

A inexperiência política, as carências na formaçom ideológica, as dispares trajetórias e referentes ideológicos, a juventude de boa parte das pessoas que participamos na fundaçom, fôrom algumas das causas que impossibilitárom a sua expansom e referencialidade.

Som múltiplos os exemplos dos graves erros cometidos pola bulímia ideológica, pola carência de flexibilidade tática, pola incapacidade de afinar e dotar-se dumha acertada linha de massas. As dificuldades para gerir adequadamente os “tempos políticos”, por estabelecer umha assimétrica política de alianças, por assumir e conviver com naturalidade contradicçons, para compreender as mudanças conjunturais e as tendências que anunciavam umha mudança de ciclo, provocárom erros que impossibilitárom estabelecer diálogo e interlocuçom com os contornos próximos, e portanto a acumulaçom de forças que acabárom minando a confiança na viabilidade do projeto entre umha considerável parte da militância.

Derivas esquerdistas impossibilitárom a implementaçom dos acertados diagnósticos na caracterizaçom das mudanças e dos fenómenos políticos e sociais que transitárom do nosso nascimento no *fraguismo* e *aznarismo* à etapa de Zapatero até Rajói, passando polo efémero governo bipartido PSOE-BNG, da artificial etapa da expansom e acumulaçom do capitalismo

especulativo e de casino à profunda crise atual do modelo neoliberal.

Porém, seria injusto só incidir nos erros e carências de 14 anos de insubornável luta ao serviço da Galiza e das suas maiorias sociais sempre desede umha ótica anticapitalista. As modestas dimensões atingidas por NÓS-UP não devem impedir avaliar a importância dos seus contributos à esquerda patriótica e à construção nacional, tanto no âmbito da renovação discursiva e teórica, como na formas e métodos de intervir e interatuar.

Definimos com claridade ao povo trabalhador como sujeito da mudança; aperfeiçoamos a transversalidade discursiva dos três objetivos estratégicos que deve perseguir umha organização revolucionária -que já umha década antes começou a implementar APU-, reivindicando umha Pátria livre, vermelha e lilás, e que hoje no plano teórico semelham estarem assumidos por quase todas as forças galegas.

A defesa intransigente do princípio de auto-organização foi combinada com umha coerente prática internacionalista com processos que naquela altura estavam estigmatizados e que pelas suas mutações hoje fascinam a quem nos isolavam e condenavam ao ostracismo.

NÓS-UP incorporou e popularizou a ortografia reintegracionista no movimento popular, naquela altura refugiada na torre de marfim das academias e gabinetes; foi pioneira na denúncia do obscuro esbajamento que supunha as obras da Cidade da Cultura; na retirada pública mediante exemplarização direta de milhares de símbolos fascistas, quebrando um dos tabus da *transição* espanhola; na recuperação e elaboração do imaginário nacional divulgando o escudo desenhado por Castelao e elaborando o único mapa com o território completo da Galiza; contribuiu na articulação e impulso do novo tecido associativo dos espaços autogeridos dos centros sociais; facilitou a recuperação da combatividade nas lutas populares; derrotou nas ruas o assimilacionismo espanholista de “Galicia Bilingüe”; denunciou a deriva regionalista e centrista do nacionalismo facilitando o abandono da via estatutária e a ainda contraditória recuperação do soberanismo; combateu sem trégua os discursos patologicamente anti-independentistas, socializando que os problemas do povo trabalhador galego estão indissoluvelmente ligados a dotar-nos de um Estado galego, relato hoje claramente hegemónico nas novas gerações patrióticas; elaborou o programa tático da esquerda independentista, plenamente vigente.

Realizou grandes esforços por agir no concreto, intervindo no âmbito municipal, dotando ao conjunto do independentismo de um sólido e renovado corpus teórico-prático. Foi umha força com um marcado espírito transgressor.

NÓS-UP nasceu numha etapa de expansão do movimento de massas, onde as lutas sociais estavam hegemónicas por um nacionalismo impermeável a construir espaços de confluência, obcecado com aniquilar-nos. Porém, demonstramos que sim era possível articular um espaço de luta sem submissão ao taticismo eleitoral, autónomo da lógica que nas duas décadas anteriores convertera o independentismo num apêndice radicalizado do nacionalismo, que hipotecara o seu desenvolvimento por conservar intacto esse letal cordon umbilical.

A pedagogia do exemplo caracterizou umha militância forjada no compromisso altruista de admirável entrega patriótica e de classe, sem procurar acomodamentos institucionais, guiada por

princípios, coragem e razons.

No 40 aniversário do assassinato de Moncho Reboiras a situação do projeto nacional galego é mais que preocupante. A dissolução da Unidade Popular é consequência da crise da nação galega, mas também contribui a agravá-la.

As convulsões e turbulências nas que leva instalada a esquerda nacionalista e independentista passam por uma reconfiguração integral do campo que representamos. Sem uma refundação em base a um programa avançado, respeitando o pluralismo ideológico num espaço político e social unitário, Galiza está lamentavelmente condenada a esmorecer.

Organicamente hoje o independentismo está muito debilitado pela sua fragmentação, mas socialmente goza de relativa vitalidade. O seu legado e contributos são imprescindíveis para evitarmos a catástrofe a qual nos conduz Espanha e as suas estratégias.

Não é hora de baixar a reixa e sim de realizar todas as mudanças imprescindíveis para sermos úteis a Galiza e as suas maiorias exploradas e empobrecidas.

Nesta tarefa coincidiremos muita gente. Não só estamos condenados a entender-nos, queremos fazê-lo com generosidade e respeito. A paciência é uma virtude revolucionária.

<https://galiza.lahaine.org/nos-up-luzes-e-sombras>